

Descoberta abala Congresso e partidos fazem pacto de silêncio

BRASÍLIA — A descoberta de três cheques do deputado Genivaldo Correia para o ex-presidente da Câmara Ibsen Pinheiro deixou os membros da CPI do Orçamento estarrecidos. Foi um verdadeiro terremoto na sala 13, onde trabalham os integrantes da subcomissão dos bancos, na última sexta-feira.

Deputados e senadores custaram a acreditar nos documentos que tinham em mãos. Afinal, Ibsen não é um deputado comum. Presidiu a Câmara, conduziu o processo de impeachment do presidente Fernando Collor, é relator do regimento da revisão constitucional e candidato ao governo do Rio Grande do Sul. Chegou, até mesmo, a ser cotado

como candidato do PMDB à sucessão de Itamar Franco.

O presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho, que raramente comparece à subcomissão foi chamado imediatamente e reuniu-se por 40 minutos com os integrantes da CPI.

— No coment, no coment — repetia Passarinho, pálido e suado, ao deixar o local na companhia dos deputados Benito Gama e Aloízio Mercandante.

O senador Ney Maranhão, que havia descoberto o lote de cheques, saiu apressado da sala e, como se tivesse visto um fantasma, comentou:

— Estou arrepiado com o que acabo de ver. Mas não será de minha boca que vocês vão ter es-

sa notícia.

— É sobre os anões, senador? — quis saber um repórter.

— Esses aí, ou pelo menos cinco deles, já estão mortos. Pegamos um tubarão branco, desses que aparecem mortos na praia.

Ney Maranhão, que foi fiel a Collor até o fim, sumiu do Congresso e só retornou duas horas depois. Integrantes da CPI desconfiavam que o senador, cuja postura na CPI tem sido elogiada, correra para a Casa da Dinda.

Passarinho, sem perder a calma, trancou-se numa outra sala com o relator Roberto Magalhães. Enquanto isso, deputados da CPI informavam que a descoberta poderia abalar as institui-

ções, provocando especulações de que o “tubarão” pudesse ser uma pessoa de fora do Congresso e com funções-chaves em um dos outros dois poderes.

As 19 horas, o presidente Jarbas Passarinho voltou a se reunir com a subcomissão de bancos. Acertou-se que nenhuma informação seria repassada à imprensa, com o argumento de que o sigilo poderia beneficiar a CPI, como ocorreu no depoimento do deputado Cid Carvalho, quando o relator exibiu documentos guardados em segredo. Parlamentares do PFL, PMDB, PT, PDT, PSDB e PPR selaram um pacto de silêncio. Procurado pelo GLOBO, Ibsen não foi encontrado.